

Somos todos poetas

JORNAL DE BRASÍLIA

Carlos Monforte

Congresso

Tudo o que vem acontecendo nos últimos dias no Congresso — com o bloqueio das votações para que se negocie um novo piso para o salário mínimo — tem apenas uma causa: a falta de base parlamentar do governo. Não é apenas o número que conta, aí. É também a coordenação que não vem sendo feita com engenho e arte.

E aqui vai uma ressalva: não vai crítica direta ao deputado Humberto Souto. Ele se esforça, todos sabem que ele trabalha muito. Não é essa a questão. É um problema de carisma, um problema de credibilidade, que de resto atinge o coração de todo o governo, e nem é só deste governo: Sarney padecia do mesmo mal. O dramático é que Collor começa a sofrer da doença muito antes do tempo.

O resultado é que nem mesmo o ministro Passarinho consegue pôr ordem no quartel, sem qualquer tipo de alusão, uma vez que Passarinho é uma grande pessoa, talvez o melhor articulador político do governo, hoje, embora não se possa comparar com Petrônio Portela, que, mais que Passarinho, era uma águia na articulação, na mumunha política.

Enfim, chegou-se a uma conclusão controversa no caso do abono e, pior, o que se viu foi que a pauta carregada do Congresso ficou parada uma semana por nada. Projetos como o da privatização dos portos, da reforma fiscal e outros tantos,

que nem vale a pena enumerar para não irritar, ficaram estacionados na pauta, embora na bica para serem votados.

Mais que uma maldade com os aposentados — pobres aposentados —, está sendo uma maldade com o País. No lugar de ficar discutindo se o assalariado, o aposentado, o pensionista devem ganhar mais ou menos 10 mil cruzeiros, o que não dá pra nada, deveriam é fazer um estudo e dar solução para a Previdência Social. Isso que está acontecendo agora é apenas circunstancial — o que se deve encontrar é uma solução estrutural para a Previdência. E deixar de lado todo esse blabláblá.

Faz oito, nove dias que a palavra está com a área política. Tudo gira em torno do Congresso, entre oposição e governo. A economia até agora não apitou. Vão dizer que é o estilo Marcílio de administrar a economia.

As coisas não podem continuar assim. Até o PT sabe disso e o Congresso que está começando em São Paulo vai dar a cara final do que vai ser o futuro Partido dos Trabalhadores. Até isso pode contar nas negociações. O que não dá mais é para o governo fingir que negocia, a oposição fingir que é forte e o Brasil fingir que caminha. A única coisa que não dá para fingir é que a população está vivendo mal e porcamente. Só o poeta é fingidor.

28 NOV 1991